

# **Aspectos da poética de Belchior recodificados pelo poeta-repórter: uma análise da atuação do líder de opinião na literatura de cordel**

*Alberto Magno Perdigão<sup>1</sup>*

Submetido em: 24/09/2025

Aceito em: data 14/10/2025

## RESUMO

Este artigo discute a prática de poetas-repórteres da literatura de cordel perante o conceito de líder de opinião, de Luiz Beltrão. A seguir, analisa, comparativamente, aspectos da poética do cantor e compositor brasileiro Antonio Carlos Belchior constantes nas mídias tradicionais - livros/artigos - e nos folhetos de cordel - que biografam o artista. A referida análise é um fragmento de uma pesquisa que colocou frente a frente aspectos da obra do artista, tendo a hipótese de que as narrativas em tela são relativamente afastadas e que, desta forma, representam duas diferentes poéticas.

## PALAVRAS-CHAVE

Literatura de cordel; Poeta-repórter; Líder de opinião; Belchior; Poética.

# **Aspects of Belchior's poetics recoded by the poet-reporter: an analysis of the opinion leader's role in cordel literature**

---

<sup>1</sup> Jornalista, professor, mestre em Políticas Públicas e Sociedade; especialista em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda; com aperfeiçoamento em Roteiro para Rádio e televisão. Pesquisa atual em literatura de cordel como mídia informativa em contextos de exclusão comunicacional, com ênfase nos folhetos de política.

## ABSTRACT

This article discusses the practice of poet-reporters in cordel literature in light of Luiz Beltrão's concept of opinion leader. It then comparatively analyzes aspects of the poetics of Brazilian singer-songwriter Antonio Carlos Belchior found in traditional media—books/articles—and in cordel pamphlets that chronicle the artist. This analysis is a fragment of a research study that compared aspects of the artist's work, hypothesizing that the narratives on display are relatively distant and, thus, represent two distinct poetics.

## KEY-WORDS

Cordel literature; Poet-reporter; Opinion leader; Belchior; Poetics.

# **Aspectos de la poética de Belchior registrados por el poeta-reportero: un análisis del papel del líder de opinión en la literatura de cordel**

## RESUMEN

Este artículo analiza la práctica de los poetas-reporteros en la literatura de cordel a la luz del concepto de líder de opinión de Luiz Beltrão. A continuación, analiza comparativamente aspectos de la poética del cantautor brasileño Antonio Carlos Belchior presentes en medios tradicionales (libros y artículos) y en panfletos de cordel que narran al artista. Este análisis es un fragmento de una investigación que comparó aspectos de la obra del artista, planteando la hipótesis de que las narrativas expuestas son relativamente distantes y, por lo tanto, representan dos poéticas distintas.

## PALABRAS-CLAVE

Literatura de cordel; Poeta-reportero; Líder de opinión; Belchior; Poética.

## Introdução

Ação, tradução e tradição. Estas três palavras que bem poderiam figurar nos versos B, D e F de uma estrofe em sextilha revisitam os primeiros trabalhos de Luiz Beltrão e ajudam a entender a atuação dos poetas-repórteres da literatura de cordel no papel social de líderes de

Aspectos da poética de Belchior recodificados pelo poeta-repórter: uma análise da atuação do líder de opinião na literatura de cordel

opinião. Entende-se como primeira premissa da discussão aqui proposta, que o poeta-repórter é o autor da poesia-reportagem, da narrativa informativa, interpretativa e/ou opinativa que é decodificada - ou recodificada - aos moldes da ética e da estética do dispositivo midiático folheto de cordel.

Como segunda premissa, compreende-se ser o poeta-repórter um misto de artista de uma outra literatura e operador de um outro jornalismo, que escreve, imprime e faz circular de forma física e/ou eletrônica folhetos informativos. E, como terceira, que os referidos folhetos, de caráter alternativo à mídia impressa e a meios audiovisuais abertos, pagos ou por demanda, são veículos de base popular e contra-hegemônica, os quais apresentam conteúdos semelhantes aos da mídia tradicional de massa - personagens, temas e fatos -, entre estes os da Música Popular Brasileira.

Este artigo propõe uma discussão sobre o conceito basilar da folkcomunicação para, a seguir, analisar, comparativamente, aspectos da poética do cantor e compositor Antonio Carlos Belchior (nome completo e grafado sem acento) constantes nas mídias tradicionais - livros/artigos - e dos folhetos de cordel - que biografam o artista. A referida análise é um fragmento de uma pesquisa que colocou frente a frente aspectos da obra do artista, tendo a hipótese de que as narrativas em tela são relativamente afastadas e que, desta forma, representam duas diferentes poéticas (Perdigão, 2025).

A amostra relativa ao fragmento é composta por dez folhetos publicados por poetas-repórteres de diferentes perfis socioeconômicos, majoritariamente no estado do Ceará e após a morte do artista. Belchior nasceu em Sobral, no estado do Ceará, no dia 26 de outubro de 1946, e morreu em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, em 30 de abril de 2017, portanto aos 70 anos, finalizando um período de dez anos de relativo desaparecimento do mercado de discos e shows, da família, dos amigos e dos fãs.

Um aneurisma da aorta o alcançou repentina e silenciosamente enquanto dormia. Belchior, então, reapareceria de maneira inesperada e imprevisível, morto. Desde então, de acordo com as narrativas alternativas, populares e contra-hegemônicas da literatura de cordel, foi perdoado dos atos condenáveis pela moral e pela Justiça, foi santificado, para, assim, ser eternizado como mito de um tempo e de um lugar, no céu, o panteão simbólico a que poucos artistas são elevados neste modo de expressão da literatura brasileira.

Belchior viveu em Fortaleza entre 1960 e 1971. No período, protagonizou um surpreendente primeiro sumiço, ao se isolar por três anos em três conventos capuchinhos do Ceará. De volta, conviveu intensamente com a movimentação cultural universitária do final dos anos 1960, com poetas e atores, compositores e cantores, que, depois, seriam identificados pela mídia sudestina como Pessoal do Ceará. Foi lá, mais precisamente no extinto Bar do Anísio, na praia do Mucuripe, que rogou: “Vida, vento, vela/ Leva-me daqui”.

Foi para o Rio de Janeiro, com coisas novas pra dizer, ganhou festivais, conquistou gravadoras e fama. Ainda no início dos anos 1970, passou a morar em São Paulo, onde constituiu família, empresas e viveu por quatro décadas. Herdou a alcunha de rapaz latino-americano do título de uma de suas músicas de maior sucesso. Além de cantor e compositor, foi identificado como poeta e filósofo, reflexo de suas canções de letras elaboradas na forma e, sobretudo, no conteúdo. Foi excepcional e único, e deixou seu nome marcado na Música Popular Brasileira.

## **O líder de opinião e a recodificação**

Na perspectiva folkcomunicação, o papel do líder de opinião é comparável ao de um filtro ou ao de um poro, que purifica ou seleciona o conteúdo informativo do fluxos comunicacionais, sejam estes audiovisuais ou escritos, veiculados em canais abertos, pagos ou por demanda, em meios físicos ou digitais, antes de oferecê-los aos seus públicos. Pode o líder de opinião ser comparado também com um intérprete ou tradutor, que recodifica as narrativas dos meios tradicionais sobre a realidade, para, então, direcioná-las como verdade ao território em que atua.

O líder de opinião, esse “agente comunicador” (Trigueiro, 2013, p. 695), “que [Luiz] Beltrão passou a chamar de agentes da folkcomunicação, são na realidade (inter)mediadores dos processos de recepção das mensagens midiáticas que circulam em vários estágios de difusão nos grupos de referência que interagem em redes próprias de comunicação (...)”. Para Joseph Luyten (2013, p. 592), são como “os motoristas de caminhão, caixeiros-viajantes e outras pessoas que ocupam geralmente posições intermediárias na sociedade local”. Ou são “aquelas pessoas que, sem deixar de pertencer ao meio popular, se destacam pela sua facilidade de comunicação com pessoas de outros meios (...) (p. 593).

É possível listar, com autores de obras de diferentes períodos e distintas abordagens, 14 qualificações - algumas relativamente repetitivas - que ajudam a delimitar o perfil do líder de opinião, segundo sua atuação. Partindo de estudos de Paul Lazarsfeld, que percebera que as mensagens dos meios de comunicação de massa sofriam a intermediação - e alteração - de intermediários, antes de alcançar seus destinatários, Joseph Luyten (1992, p. 161) lista quatro características: “1) Personifica interesses específicos. 2) Ocupa posições tidas como propiciatórias de alta competência no ramo em pauta. 3) É indivíduo acessível e extrovertido, com muitas relações. 4) tem acesso a informações relevantes provenientes de fora de seu círculo imediato.”

O mesmo autor acrescenta um quinto predicativo que considera “consequência” dos anteriores, qual seja “têm a confiança de seus concidadãos quanto às mensagens que emitem” (p. 161). Para Luiz Beltrão (2013, p. 414), o líder de opinião é “quase sempre do mesmo nível social e de franco convívio com os que se deixam influenciar” e “estão mais sujeitos aos meios de comunicação do que seus liderados”. Para José Marque de Melo (2013, p. 538), “eles [líderes] se localizam geralmente naquela faixa comum entre os dois sistemas simbólicos”, “são indivíduos dotados de uma grande mobilidade, transitando nos vários estratos sociais”, pertencem “originalmente ao universo simbólico da cultura popular”, e (...) “dispõem de alto grau de credibilidade”.

Roberto Benjamin (2013, p. 602) reitera, apresentando o que considera as características “mais importantes” dos líderes de opinião, relativas ao acesso a fontes privilegiadas de informação e à credibilidade dos poemas-reportagens que oferecem ao território. Afirma o autor que os referidos intermediários têm “acesso a informações relevantes provenientes de fora do círculo imediato, devido a visitas frequentes a outras cidades ou incomum atenção aos meios de comunicação coletiva” e “procuram fazer acreditar que os fatos são verdadeiros, atuais, e que a narração é objetiva e imparcial”.

Lançando-se o olhar sobre como atua o líder de opinião, é possível identificar que sua principal missão é a de servir de tradutor de uma linguagem, de uma forma e de um conteúdo. No caso específico das notícias, este intérprete tem o papel de selecionar, sintetizar e de oferecer ao território uma “renotícia” que seja, ao mesmo tempo, interessante, compreensível e acreditável. Sem a referida intermediação, a notícia não chega ao público para o qual o meio de comunicação tradicional (não) é feito - porque não atende a critérios

outros de noticiabilidade, porque não é entendível por uma cognição ou percepção diferenciadas ou mesmo porque não foi atestada como algo de outro universo simbólico, mas crível.

Para Joseph Luyten (1992, p. 163), “através dos líderes de opinião, recodificam-se as mensagens de origem geral (de massa) que são transmitidas a um nível de relacionamento interpessoal”. Embora seja extensa a lista de notícias de grande repercussão que precisaram, antes, ser acreditadas pelo folheto de acontecidos, o autor cita, como exemplo, a “histórica viagem” do homem à Lua, ocorrida em julho de 1969, quando a televisão ainda não era popular entre as famílias do interior do país. “No Nordeste brasileiro, muitas pessoas não acreditavam que isso fosse possível. No entanto, passaram a crer no fato somente depois que circularam alguns folhetos versando a respeito”.

Luiz Beltrão (2013, 414-415) reconhece que os líderes “conhecem o mundo”, daí a capacidade de decodificar as mensagens que recebem dos meios informativos de massa. Neste *modus operandi*, eles “interpretam-nas de acordo com os padrões de conduta dos seus liderados, julgam-nas e, com grande habilidade, empregam outros meios para transmiti-las, adequadas ao interesse coletivo e em linguagens de domínio e compreensão geral, aos seus iguais”. José Marques de Melo (2013, p. 538) afirma que, “dominando ambos os conjuntos de símbolos, esses líderes decodificam as mensagens da cultura de massas e as recodificam na linguagem da cultura popular, fazendo-as então chegar ao seu destino”.

E, no mesmo sentido, Osvaldo Trigueiro (2013, p. 697) completa, ao afirmar que: “os agentes intermediários na folkcomunicação atuam nos seus grupos primários na recepção das mensagens midiáticas recodificando para uso de suas práticas cotidianas”. Através dos líderes de opinião, recodificam-se as mensagens de origem geral (de massa) que são transmitidas a um nível de relacionamento interpessoal. O autor se deterá, a seguir, a analisar o mediador ativista - o que o caracteriza como agente de intermediação e como atua no território -, categoria em que o poeta-repórter de folhetos de biografia também pode ser incluído.

Antes, entretanto, convém propor o desenho de dois ciclos representativos da atuação do líder de opinião. No primeiro ciclo, um fluxo comunicacional parte do que erudito, da escolaridade formal, do não-popular para um outro popular, dos saberes da tradição e do não-erudito. Sendo uma dinâmica circular, dialógica e dialética, tem-se que um fluxo imprime algo de si no outro, e este tatua algo de si ao primeiro. Este diagrama que é tensão e

confluência é relativamente invisível, mas está presente em todo tempo e lugar, tendo o líder de opinião na posição de um operário transportador informacional que atua nas duas perspectivas.

O segundo ciclo em que atua o líder de opinião se relaciona à interface entre a comunicação de massa, homogeneizada e hegemônica, e a comunicação de base territorial, que se faz contra-hegemônica e considera diferenças entre os que comunicam. É neste círculo que trafegam a notícia que se pretende objetiva e técnica, e, no sentido contrário, transita a que se faz intuitiva e subjetiva. De um lado do circuito está o jornalismo eurocêntrico na forma e “sãopaulocêntrico” no conteúdo; do outro, o folheto de acontecidos. Ou, de um lado partem a informação, a análise e a opinião que variam de estranhas a suspeitas no lado oposto; na via inversa, saem conteúdos informativos feitos familiares e críveis.

## **A poética recodificada**

Na mídia tradicional representada por livros de biografia e de homenagem, em artigos acadêmicos e jornalísticos, bem como no dispositivo midiático folheto de cordel, a poética de Belchior é apresentada como popular, não obstante ambas perspectivas façam referência à elaboração refinada e aparentemente culta das canções. “Ótima obra, fácil de ser reproduzida nos bares por outros músicos e guardada na memória. E nas letras vemos fenômenos fantásticos, inclusive a inclusão de um vocabulário novo que foi incorporado ao ambiente da música popular.” (Mello, 2019, p. 36).

Essa posição de ser um cantor popular, de sentir que suas melodias simples podem chegar mais facilmente às massas, ao sucesso radiofônico, ao povo, era uma das coisas com as quais o poeta Belchior trabalhava. Ele tinha muita consciência dessa característica de seu trabalho e o projetava exatamente para isso. Desejava se comunicar com as massas e assim levar o seu recado direto em textos com narrativa sem grandes metáforas e que atingem como flecha o alvo desejado. (Mello, 2019, p. 36-37).

Ademais do caráter popular, nos livros e outros, a referida poética pode ser circunscrita a cinco aspectos: originalidade, dialética, engajamento, multitemática e intertextualidade (Perdigão, 2025). No que se refere à originalidade, o compositor é identificado por poemas-canções onde se verificam, com frequência, a figura de linguagem

metáfora e, em outros casos, a comparação. O cancionário de 133 composições deixado pelo artista (Gomes Neto, 2019), quase todas sem parcerias, aponta para a unicidade, dado que que não houve ninguém parecido antes de Belchior, que ninguém o seguiu durante os cerca de 30 anos em que esteve produtivo e que, tampouco, surgiu alguém que de alguma forma o imitasse, após os anos de produção.

Belchior constrói sua obra dentro de um estilo original, tanto do ponto de vista temático, quanto da linguagem. São letras impregnadas de poesia, textos que, se retirados do ambiente musical em que foram produzidos, permanecem como versos de evidente qualidade literária. (Silva, 2006, p. 104 apud Santos, 2020, p. 96).

No que toca à dialética, as letras de Belchior traduzem um compositor que utiliza também, e fartamente, a antítese como figura de linguagem. Foi simples e complexo, realista e utópico, conservador e vanguardista, local e global (“Universal pelo regional”, como costumava dizer, numa referência ao lema da Universidade Federal do Ceará, onde estudou), e nordestino e latino-americano.

Em relação ao engajamento, Belchior não é panfletário ou partidário, mas se revela político, no sentido amplo e puro da palavra, mais preocupado em pautar e discutir temas afetos às relações de poder da sua contemporaneidade. Foi, pelo que se lê em suas letras, um defensor dos direitos humanos e da democracia. “Temos na obra de Belchior um conjunto de composições que dialogam de distintas maneiras com tópicos do pensamento social brasileiro, mostrando-se também de grande importância para a compreensão de temas sociais e políticos do país” (Santos, 2020, p. 105).

Não esteve interessado “em nenhuma teoria” pronta e acabada nem nas velhas práticas impostas aos novos que buscavam um lugar ao “sol de quase dezembro” das bancas de revista. À época de se afirmar por meio de sua poética, não se encaixou na “velha roupa colorida” da Tropicália ou na contemporânea música do interior do Brasil. Já eram outros o tempo e o lugar. Belchior quis outras éticas e diferentes estéticas, outros mapas e diversos caminhos. E assim compôs. E assim se impôs com uma língua e uma fala que são suas.

O professor de semiótica discursiva e escritor Américo Saraiva analisa essa característica da obra de Belchior em texto dirigido ao compositor, a quem chama, ironicamente, mas com muita propriedade, de “divino e maravilhoso”.

Mas toda a insubmissão de rapaz latino-americano eu vi cifrada mesmo foi na sua veemente recusa a se curvar a qualquer injunção que lhe quisessem regular o modo de produzir canção. Você nunca fez canções como prescreviam alguns figurinos da moda, canções corretas, brancas, suaves, muito limpas, muito leves, simplesmente porque sons, palavras sempre foram navalhas para você. Em franco desacato ao “você precisa” do antigo compositor baiano, você se negou a fazer as canções singelas, os iê-iê-iês românticos ou as canções de amor. Mesmo abalado pelo mal que a força do tempo negro sempre faz, você não sucumbiu e rejeitou altivamente toda prescrição, não cantou como convinha, e, tropicalista antitropicalista, permitiu-se permitir. (Saraiva, 2022, p. 35).

Em texto também post mortem e igualmente dirigido a Belchior, a filha do compositor e, hoje, intérprete do cancionero do pai, Vannick Belchior, destaca o conteúdo político, de denúncia dos “cânceres sociais”, diluído nas letras das canções.

O seu já dito ainda tem muito a dizer sobre as mazelas sociais que existem e sempre existiram no nosso Brasil. A agressividade de sua sinceridade em sua música ainda abrirá muitas janelas a quem ainda não viu as tristezas do nosso tão amado e juvenil país. De sua forma nordestina e universal, você cutucou, com o dedo que fere, todos os cânceres sociais, seja o fascismo, a destruição da natureza, as insanidades políticas, a fome, o desemprego... e toda essa infelicidade que é cíclica, não apenas por aqui, no Brasil, mas no mundo, você bem sabe. (Kelmer; Mendonça, 2022, n. p.).

Outras duas características da obra de Belchior que também o definem são a multitemática, entendida como a variedade de temas de seu tempo-espço que abraçava sem cerimônias e a intertextualidade. Em texto publicado dois anos depois da morte do parceiro, Jorge Mello descreveu, em tempo presente, os passeios temáticos da poética de Belchior. “Temos um poeta visionário, misturando o sertão e o litoral, o folclore e a vanguarda, o popular e o erudito, o romântico e o político, com maestria. Sabe garimpar pacientemente as palavras para pintar como se um quadro fosse o texto final.” (Mello, 2019, p. 37).

Belchior andou pelo cotidiano comum das pessoas simples e pela filosofia, pelas cidades e pelos sertões, por dores, amores e medos, e foi antropofágico (no sentido dado por Oswald de Andrade ao termo).

As letras abordavam reflexões de opiniões sobre temas tão distintos quanto preconceito geográfico – especialmente contra nordestinos, relações amorosas, política,

poesia, fluxos migratórios, artes em geral e (a falta de) liberdade de expressão durante a ditadura [militar, vigente de 1964 a 1985]. (Santos, 2020, p. 105).

Belchior, um trovador de canto quase falado, áspero, irônico e melancólico se comprometeu a cantar os dilemas de sua geração, para fazer isso o compositor utilizou-se de um vasto referencial teórico para elaborar canções de distinta qualidade poética, onde falou de amor, das angústias e frustrações da juventude, dos dilemas do cidadão comum, de saudade, das dificuldades das grandes cidades, refletiu sobre política, sociedade e o seu tempo. O cantor definiu sua obra como uma matriz aberta, híbrida e antropofágica, podemos através de uma escuta atenta de suas canções encontrar referências de suas raízes nordestinas, de clássicos da literatura, das ciências humanas, do cinema, de elementos da cultura hispano-americana, estadunidense e europeia e o diálogo com a cultura pop e com seus contemporâneos [pontuação conforme o original]. (Ferreira, 2022, p. 8).

No que se refere à característica da intertextualidade apresentada nas canções, tem-se mais claramente que Belchior recorre com frequência aos clássicos da literatura, às vezes citando autores da poesia ou da prosa, o título da obra, em parte ou no todo, ou mesmo trechos do texto de que se apropria. Diluem-se nas letras os autores mais diversos com quem Belchior teve contato, desde as leituras realizadas na adolescência, como aluno do Colégio Sobralense, em Sobral, e do Liceu do Ceará, em Fortaleza; até as leituras de juventude, feitas durante os anos que passou interno em conventos capuchinhos, e depois como aluno na Universidade Federal do Ceará.

Uma pesquisa exploratória sobre textos acadêmicos que tratam da intertextualidade em Belchior, realizada no curso desta investigação, aponta a ocorrência de 46 citações, numa prática sem comparativos na Música Popular Brasileira. Entre os nomes, alguns com mais de uma ocorrência, estão brasileiros de diferentes períodos históricos, do Império à contemporaneidade, como Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves, Olavo Bilac, Álvares de Azevedo, Camilo Castelo Branco, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira e o hoje (2022) integrante da Academia Brasileira de Letras, Gilberto Gil.

Na lista dos escritores estrangeiros, também citados fartamente na obra de Belchior, aparecem nomes da literatura como Federico García Lorca, John Donne, Marcel Duchamp, François-René de Chateaubriand, Arthur Rimbaud, Charles Baudelaire, Dante Alighieri, Honoré

de Balzac, George Orwell, Edgar Allan Poe, François Villon, Lord Byron e William Blake; da filosofia como Jean-Jacques Rousseau e Erasmo de Roterdã; do teatro como Sófocles e Calderón de la Barca; das artes plásticas como Pablo Picasso; da antropologia como Claude Lévi-Strauss; da política como Eduardo Galeano; além da música, como Jacques Brel, Henri Salvador e Bob Dylan, este também Prêmio Nobel de Literatura de 2016.

As canções de Belchior revelam uma formação intelectual sólida, talvez explicada devido à sua intensa e precoce relação com a poesia. Podem ser encontrados em todo seu trabalho fragmentos de textos de Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Fernando Pessoa, Garcia Lorca, Edgar Allan Poe e outros grandes escritores (poetas e prosadores) brasileiros e estrangeiros. (Carlos, 2007, p. 86).

Essa obsessão pela literatura se tornaria frequente em suas músicas e formaria uma “biblioteca de referências a autores contemporâneos e outros clássicos”. Eis algumas: A Palo Seco – João Cabral de Melo Neto; Lira dos vinte anos – Álvares de Azevedo; Elogio da loucura – Erasmo de Roterdã; Divina comédia humana – Dante Alighieri; Amor de perdição – Camilo Castelo Branco; Se você tivesse aparecido – William Blake; Vício Elegante – Charles Baudelaire; Notícia de Terra Civilizada – Euclides da Cunha; Ter ou não ter – William Shakespeare; Velha Roupas Coloridas – Edgar Allan Poe. (Belchior; Zizzi, 2023, p. 160-161).

Belchior cita ainda, direta ou indiretamente, autores, obras e trechos de letras de outras músicas de artistas brasileiros e estrangeiros. Na lista aparecem Caetano Veloso, Gilberto Gil, Raul Seixas, Luiz Gonzaga, nomes que, declaradamente, admirava, não obstante a imprensa, a cada nova citação, interpretasse as referências como provocativas. Os próprios citados preferiram acolher as inserções como uma deferência. As bandas Beatles e Rolling Stones; Jim Morrison, Jimi Hendrix, John Lennon e Janis Joplin, ídolos da juventude rebelde dos anos 1960, também compõem o eclético balaio de citações.

## **A poética nos folhetos**

Também são cinco aspectos que se destacam quando se analisa a poética de Belchior representada nos folhetos da literatura de cordel. São eles a genialidade, o lirismo, a insubmissão, a multitemática e a intertextualidade. Como se verá a seguir, dois dos aspectos

desta segunda lista são rupturas em relação ao rol relativo à poética narrada, a genialidade e o lirismo; um afastamento, a insubmissão, quando comparada ao engajamento; e duas aproximações, estas relativas à multitemática e à intertextualidade.

Entre os aspectos de ruptura, a genialidade remete à uma excepcionalidade criativa, enquanto na mídia tradicional a referida característica é completamente negligenciada; e o lirismo aponta para o caráter subjetivo ou romântico dos textos. No que concerne à afastada insubmissão, esta se refere a uma poesia relativamente independente frente em relação a possíveis ingerências à sua obra. A multitemática e a intertextualidade aparecem nos folhetos de cordel com a mesma perspectiva e de forma semelhante ao apresentado nos livros.

Dez dos folhetos da amostra da pesquisa tratam da poética que Belchior imprimiu em suas canções. Nove dos referidos títulos foram publicados no estado do Ceará - sendo sete em Fortaleza, um no Crato e um em Juazeiro do Norte - e um no Rio Grande do Norte, no município de Mossoró. As publicações datam do período compreendido entre os anos de 2016 (1), no período de desaparecimento, e os demais foram impressos depois do falecimento, em 2017 (1), 2019 (2), 2020 (1), 2022 (1), 2023 (1) e 2024 (3). São os seguintes os folhetos da amostra: Tributo a Belchior, de Ernane Tavares (24 estrofes em septilhas); Belchior o artista e seu tempo, de Dideus Sales (38 estrofes em septilhas); A comédia divina de Belchior, de Lucarocas (24 estrofes em septilhas); Comentários a respeito de Belchior, de Nonato Nogueira (27 estrofes em sextilhas); Batendo à porta do céu, de Caio César Muniz (24 estrofes em septilhas); Belchior um pensador entre os astros, de Stélio Torquato Lima (42 estrofes em septilhas).

A lista se completa com Belchior, de Raul Poeta (16 estrofes em décimas); Comentário a respeito de John?, de Pedro Sampaio (77 estrofes em septilhas e um soneto); Belchior não morreu, de Rouxinol do Rinaré (17 estrofes em septilhas); e Belchior entre os dez mais, de Otávio Menezes (10 estrofes em décimas). Na análise, o conteúdo é considerado por estrofe, sendo o enquadramento na variável determinado pelo tema dominante dos versos. Os trechos das poesias foram transcritos conforme o original, respeitando eventuais desobediências gramaticais ou erros de digitação.

A genialidade aparece como o aspecto mais citado no que concerne à poética de Belchior. Os poetas reconhecem que a referida característica é a que distingue Belchior e o faz único na Música Popular Brasileira. Em Belchior, o poeta afirma que “seus sucessos são

muitos, seu talento é um poço brilhante e inesgotável”, que o compositor “tem qualidade genial” e que “sua música em nada está faltando”. Em Comentários a respeito de John?, o poeta cita que “Belchior, o poliglota, cantou o amor e paz, usou a filosofia, até a mitologia, intelecto voraz”. Em Belchior não morreu, o autor afirma que “seu canto tempo poesia, têm muita sabedoria suas frases geniais”, que “traz muitas reflexões, todo o seu cancioneiro” e que “a vida e a sociedade questiona o tempo inteiro”.

Seus sucessos são muitos, seu talento  
é um poço brilhante e inesgotável,  
o seu nome é um marco bem notável  
entre quem tem bom gosto e é isento  
de incertezas ao bom contentamento  
com o que hoje em dia está tocando,  
Belchior não está devendo ao bando  
de assassinos da música atual  
porque tem qualidade genial  
sua música em nada está faltando.  
(Poeta, 2016, p. 6).

Música com bela nota  
Tá escrita nos anais  
Belchior o poliglota  
Cantou o amor e paz  
Usou a filosofia  
Até a mitologia  
Intelecto voraz.  
(Sampaio, 2024, p. 16).

Ele que sempre viveu  
Longe das coisas banais  
“Amar e mudar as coisas  
Lhe interessava mais.”  
Seu canto tem poesia,  
Tem muita sabedoria  
Suas frases geniais!

[...]  
Traz muitas reflexões  
Todo o seu cancioneiro.  
A vida e a sociedade  
Questiona o tempo inteiro.  
Do discurso nietzschiano  
O “Latino americano”  
Segue no mesmo roteiro. (Rinaré, 2024, p, 4; 7).

Ainda em relação à genialidade, Em Belchior entre os dez mais, o poeta afirma que se trata de “um artista especial, que não fez verso pueril” e justifica: “por isso que no Brasil dizem que ele é genial”. Mais à frente, aponta que Belchior é “um compositor plural, das críticas sociais, dos caprichos imorais”, cuja “canção é uma seta no peito dos conservadores, pois discutiu os valores dos bons e dos cruéis”.

Tem um que eu separo  
Do meio dos maiores  
Pois acho um dos melhores  
Compositor muito raro.  
Talvez – eu aqui declaro –  
Não tenha sido bom cantor  
Mas como compositor  
Atravessou gerações  
O filósofo das canções  
Antônio Carlos Belchior.

Um artista especial  
Que não fez verso pueril  
Por isto que no Brasil  
Dizem que ele é genial.  
Um compositor plural  
Das críticas sociais  
Dos caprichos imorais  
De tirar risos da dor  
Por isto que o Belchior  
Está entre os dez mais.

Sua obra se completa  
Com uma produção perfeita  
Pois obra que foi feita  
Por um excelente poeta.  
Sua canção é uma seta  
No peito dos conservadores  
Pois discutiu os valores  
Dos bons e dos cruéis  
Por isto está entre os dez  
Dos grandes compositores.

Com trabalho importante  
Muito sério de vanguarda  
É nome que a gente guarda  
Como um livro na estante.

Com a sua poesia vibrante  
Cheia de símbolos e sinais  
Mexeu com as coisas reais  
Sem pena, culpa ou pudor  
Por isso que Belchior  
Está entre os dez mais.  
(Menezes, 2020, p. 1-2).

No que concerne ao lirismo, em A comédia divina de Belchior, tem-se o eu lírico nos versos “na poesia que enlaça as trilhas da emoção e no vazio que abraça com a dor da solidão”. Em Comentários a respeito de Belchior, o poeta afirma que “do amor e da solidão, dos sonhos que se desfazem, Belchior é poesia”.

Na poesia que enlaça  
As trilhas da emoção  
E no vazio que abraça  
Com a dor da solidão  
Vai desvendando o segredo  
Daquele que causa medo  
No pulsar do coração.

Belchior com sua acalma  
Pôs lirismo no cantar  
Foi escrevendo na alma  
Um timbre de relaxar.  
E nas emoções que traz  
Mostra um silêncio de paz  
No exercício de amar.

Trazia na poesia  
As notas essenciais  
Para se ter alegria  
Dos versos mananciais  
E com sensibilidade  
Registrou com habilidade  
Galos noites e quintais.  
(Lucarocas, 2019, p. 1-2).

Cantador do Ceará  
Foi eterno trovador  
E cantando sobre a vida  
Sobre a solidão e dor  
Belchior pra recitar  
De um artista sonhador.

[...]

No sertão, uma voz ecoa  
De um poeta popular  
Belchior, com seu lirismo  
É uma rima a clamar  
Nas estrofes, um retrato  
Personagem singular.

Do amor e da solidão  
Dos sonhos que se desfazem  
Belchior é poesia  
Fala que os bons ventos trazem  
Divina Comédia Humana  
Vaidades liquefazem.  
(Nogueira, 2024, p. 1; 6-7).

Em relação à insubmissão, em Batendo à porta do céu, o poeta se refere a um “teimoso passarinho” em quem “ninguém manda”, que “tem canto de rebeldia” e “prefere voar sozinho”.

Mas ave de arribação  
É teimoso passarinho,  
Ninguém manda em suas asas,  
Não tem casa, não tem ninho,  
Tem canto de rebeldia,  
Sem chefe, mentor nem guia,  
Prefere voar sozinho.

E como no seu dizer  
No começo do legado  
Que “saia do meu caminho”,  
Não vivo no meu passado.  
É roupa que não me cabe,  
Quem anda comigo sabe,  
Sou anjo que tem pecado.  
(Muniz, 2019, n. p.).

No que se refere à multitemática, Em Tributo a Belchior, o autor fala “desse cantor que era multifacetado”. Em Belchior, o artista e seu tempo, o poeta afirma que Belchior “compôs, tocou, cantou bem, claras virtudes de quem nasce plurifacetado” e que “produzira em vários gêneros, com grande e forte expressão, MPB, country rock, folk rock, blues, baião...”.

E falar mais desse cantor  
Que era multi facetado  
Um grande conhecedor  
Por isso deixou o legado  
Tecido em composições  
Que encantam as multidões  
Eu sei me deixa emocionado.  
(Tavares, 2017, p. 6).

O artista sobralense  
Viera ao mundo inspirado,  
Vestiu cada melodia  
Com poema rebuscado.  
Compôs, tocou, cantou bem,  
Claras virtudes de quem  
Nasce plurifacetado.

Conhecia do repente  
O teor e a magia.  
De suas composições  
Emerge filosofia  
Dando glamour e suporte,  
E um leve e sutil aporte  
Dos lírios da cantoria.

[...]

Nos textos reflexivos  
A constante identidade,  
Sinal característico  
De sua autenticidade.  
Na construção dialética  
Fez uma obra profética  
De perenal validade.

Enamorado das letras,  
Compunha com fluidez  
Em português e, também,  
Introduzia o francês  
Em suas canções, enfim,  
O espanhol, o latim,  
Italiano e inglês.

[...]

Expressou em suas músicas  
Questões existenciais,  
Os versos muito inspirados  
Brilham como nossos pais,  
Também atestam seu dom,

Todo sujo de batom,  
Galos, noites e quintais...  
(Sales, 2022, p. 1; 7-8).

No aspecto intertextualidade, Em Belchior o artista e seus tempo, a expressão enxerto de poesia é definidora. Em Belchior, um pensador entre os astros, o autor faz referência à característica em tela ao afirmar que “João Cabral de Melo Neto é visitado por ele” e que “também Edgar Allan Poe tá no cancionero dele”.

Produzira em vários gêneros  
Com grande e forte expressão,  
MPB, country rock,  
Folk rock, blues, baião...  
Em toda canção fazia  
Enxerto de poesia  
Para dar mais emoção.  
(Sales, 2022, p. 7).

Profundo, mas popular.  
Local e cosmopolita.  
Criador de muita frase  
Tão forte quanto bonita.  
Pra bagunçar o coreto,  
Raven une a Assum Preto,  
Relendo a obra erudita.

João Cabral de Melo Neto  
é visitado por ele.  
Também Edgar Allan Poe  
Tá no cancionero dele.  
Sério ou por brincadeira  
Visita até Zé limeira,  
Mostrando grandeza nele.  
(Lima, 2023, p. 4-5).

## **Considerações finais**

Este artigo discutiu a prática de poetas-repórteres da literatura de cordel, tendo como referência o conceito de líder de opinião, de Luiz Beltrão. A seguir, analisou, de forma comparativa, aspectos da poética do cantor e compositor brasileiro Antonio Carlos Belchior constantes em mídias tradicionais - livros/artigos - e em folhetos de cordel -, que biografam o

artista. E considerou a hipótese de que as referidas narrativas são relativamente distintas e que, desta forma, representam duas diferentes poéticas.

Foram identificados cinco aspectos da referida poética representada na mídia convencional, quais sejam originalidade, dialética, engajamento, multitemática e intertextualidade; e igualmente cinco no dispositivo midiático folheto de cordel: genialidade, lirismo, insubmissão, multitemática e intertextualidade. Verificou-se que dois dos aspectos desta segunda lista, genialidade e lirismo, são rupturas em relação ao primeiro rol; que há um afastamento, na característica insubmissão, em relação a engajamento; e que ocorrem duas aproximações, em multitemática e em intertextualidade.

De acordo com o analisado, confirma-se a hipótese de que as narrativas do cordel, uma vez recodificadas pelo líder de opinião poeta-repórter, apresentam-se diferentes (ruptura) ou parcialmente diferentes (afastamento), confirmando, assim, a hipótese levantada.

## Referências

BELCHIOR, Ângela; ZIZZI, Estêvão. **Belchior: biografia**. Vila Velha: Ed. do Autor, 2023.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação popular e região no Brasil**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BENJAMIN, Roberto. **Folhetos populares: intermediários no processo de comunicação**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

CARLOS, Josely Teixeira. **Muito além de apenas um rapaz latino-americano vindo do interior: investimentos interdiscursivos das canções de Belchior**. 2007. 277f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8767>. Acesso em: 13 ago. 2024.

FERREIRA, Larissa Gonçalves. **A América Latina nas canções de Belchior: uma análise a partir do CD Eldorado**. Número de páginas do TCC. 2022. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2022.

GOMES NETO. **Cancioneiro Belchior**. Florianópolis: Vitelli Publisher, 2019.

KELMER, Ricardo; MENDONÇA, Alan (Org.). **Para Belchior com amor**. Fortaleza: Editora Radiadora, 2022.

LIMA, Stélio Torquato. **Belchior: um pensador entre os astros**. Fortaleza: Cordelaria Flor da Serra, 2017.

LUCAROCAS. **A comédia divina de Belchior**. Fortaleza: Editora Lucarocas, 2019.

LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

LUYTEN, Joseph M. **Conteúdo da comunicação popular**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MELO, José Marques de. **Comunicação popular na sociedade midiática**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MELLO, Jorge. **O negócio é o seguinte**. In: GOMES NETO. **Cancioneiro Belchior**. Florianópolis: Vitelli Publisher, 2019.

MENEZES, Otávio. **Belchior entre os dez mais**. Fortaleza: Ed. do Autor, 2020.

MUNIZ, Caio César. **Batendo à porta do céu: a chegada de Belchior ao paraíso**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2019.

NOGUEIRA, Nonato. **Comentários a respeito de Belchior**. Fortaleza: Ed. do Autor, 2024.

PERDIGÃO, Alberto. **Belchior: a construção de um mito na literatura de cordel**. Fortaleza: RDS, 2025.

POETA, Raul. **Belchior**. Crato: Ed. do Autor, 2016.

RINARÉ, Rouxinol do. **Belchior não morreu**. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2024.

SALES, Dideus. **Belchior: o artista e seu tempo**. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2022.

SAMPAIO, Pedro. **Comentário a respeito de John?** Fortaleza: Ed. do Autor, 2024.

SANTOS, Leandro Martan Bezerra. **A Divina Comédia de um rapaz latino-americano: a influência da literatura na obra de Belchior**. Revista Crioula, nº 26, 2020, p. 95-106. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/177234/169017>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SARAIVA, José Américo Bezerra. **Apenas um rapaz latino-americano**. In: KELMER, Ricardo; MENDONÇA, Alan (Org.). Para Belchior com amor. Fortaleza: Editora Radiadora, 2022.

TAVARES, Ernane. **Tributo a Belchior**. Crato: Ed. do Autor, 2017.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folk-ativismo**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A folkcomunicação e os ativistas midiáticos**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.